



CORPOS EM MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMAZONIA PARAENSE: DIÁLOGOS SOBRE CONCEPÇÃO DE CORPO DE UM GRUPO DE MULHERES DO ASSENTAMENTO LUIS CARLOS PRESTES EM IRITUIAPARÁ.

Sousa, Vera Solange Pires Gomes de – UEPA- NEPEF-GEPERUAZ¹

RESUMO:

Esse estudo refere-se ao projeto de pesquisa *Corpos em Movimento na Amazônia: um estudo de caso da concepção de corpo do Grupo de Mulheres no Assentamento Luis Carlos Prestes em Irituia-Pará*. A padronização dos corpos femininos e a consequência do envolvimento entre o corpo mercadoria, corpo consumidor e corpo consumido foi à preocupação central dos pesquisadores. O corpo mercadoria fica evidenciado na mídia expondo principalmente o corpo feminino, apresentando marcas, acessórios, produtos de beleza e etc., buscando o lucro como nos diz Bourdier (1987) o corpo e a aparência juvenil são, no Brasil, um verdadeiro capital. O corpo consumidor é aquele que consome essa gama de produtos, extrai como verdadeiro aquilo que lhe coloca como real para ser "igual" e belo ao moldes atuais. Nesse sentido, desenvolver um trabalho que contribua para a sensibilização, reflexão, ação contra hegemônica perante a lógica capitalista, tendo como foco principal o corpo da mulher num movimento social na Amazônia suscitou um estudo sistematizado em quatro categorias: cultura, corpo, mulher e MST². Dialogizados com os seguintes autores Daolio, Del Priore, Dan Baron, Pierre Bourdieu.

PALAVRAS CHAVE: Cultura, Corpo, Mulheres do MST no Assentamento Luiz Carlos Prestes.

BODIES IN SOCIAL MOVEMENTS IN THE AMAZON PARAENSE: Dialga DESIGN ON THE BODY OF A GROUP OF WOMEN NEARLY IN LAYING LUIS CARLOS IRITUIA-PARA.

ABSTRACT

This study refers to the research project *Bodies in Motion in the Amazon: a case study of the conception of the body of the Group of Women in the Settlement Luis Carlos Prestes in Irituia Para*. The standardization of women's bodies and the consequence of engagement between the body goods, consumer bodies and body consumed was of central concern to researchers. The body goods is evidenced mainly in the media exposing the female body, with brands, accessories, beauty products and so on., Seeking to profit as he tells us Bourdier (1987) the body and youthful looks are in Brazil, a true capital. The body is the consumer who consumes the product range, extracts as true that which poses as real to be "equal" to the current patterns

¹ Discente do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física-UEPA, Discente do Ensino Fundamental da SEMEC Belém, Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Educação Física- UEPA, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Rurais da Amazonia- UFPA, Estudiosa da temática Cultura Corporal no MST.

² Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.





and beautiful. In this sense, develop a work that contributes to raising awareness, reflection before action against hegemonic capitalist logic, focusing mainly on the woman's body in a social movement in the Amazon has led to a systematic study into four categories: culture, body, woman and MST . Dialogizados with the following authors Daolio, Del Priore, Dan Baron, Pierre Bourdieu (2007).

KEYWORDS: Culture, Body of Women in Laying Luiz Carlos Prestes MST.

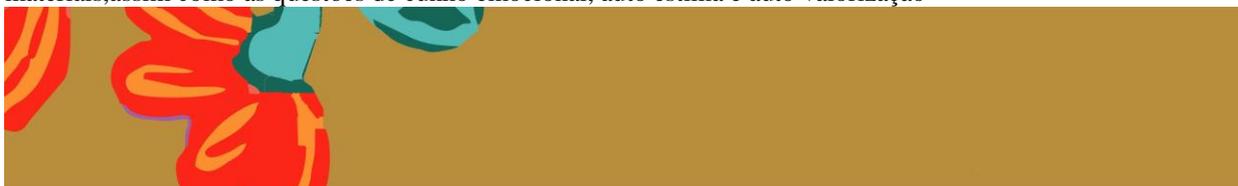
Introdução:

O corpo visto segundo os autores que subsidiam nossa pesquisa anuncia ser (o corpo) uma construção e também um construtor cultural, passemos a uma construção cultural específica relacionada ao corpo: o ideal de beleza. Idealizado de várias formas nas diferentes épocas, por vezes negado, por outras, completamente coberto, e em outras, nu por inteiro. Na sociedade ocidental contemporânea, o corpo tornou-se objeto de exposição, admiração, desejo e interferências. (MATOS e SOIHET, 2003). Dá-se início à padronização ferrenha do corpo, pois o corpo exerce domínio sobre os aspectos da vida, não havendo nada que não esteja dominado pela “*imagem corporificada do corpo*” (FERREIRA, 2003) e não restaure a globalidade de um padrão a ser seguido. Esta padronização é reflexo da autoconsciência social (GARCIA, 1997). Diante do exposto analisamos a relevância de compartilhar as etapas significativas para o registro do que *falam as Mulheres do MST no Assentamento Luiz Carlos Prestes*.

2. O Grupo de Mulheres do Assentamento Luis Carlos Prestes: Diálogos de uma peculiaridade do ser mulher militante do MST.

O Grupo de Mulheres³ constitui uma peculiaridade, a organicidade da comunidade afetiva³. No compasso da vivência com a militância orgânica, elas são esclarecidas quanto a luta pela terra e a importância da participação feminina nos encontros da coordenação local. E tal posicionamento é reafirmado na fala das mulheres que anunciam a necessidade de terem esclarecimento sobre o MST e a luta pela terra ressaltado na fala de

³ Nos referimos com este termo , a relação de íntima afetividade que possibilita superar os impasses e barreiras materiais, assim como as questões de cunho emocional, auto estima e auto valorização





Marinalva – integrante da pesquisa- 2010: “ (...) eu não sabia nada de reforma agrária, ao vir pra cá, foi que eu fui saber o quanto de terra existe improdutivo... isso é triste... a terra precisa produzir, se vocês forem lá no meu lote, vai ver que bonito já tá o milho crescendo (...)”.

Escrever sobre corpo e mulheres do MST é também escrever sobre a trajetória dessas mulheres na conquista pela terra. Pois a terra é o eixo da relação nas conversas, nas reuniões e também reflete no corpo. A terra é rito e, sendo rito, é cultural. Sendo cultural, é humano. Sendo cultural, rito e humano, sua proximidade com a educação é necessária, haja vista que a educação participa de rituais de aprendizagens.

De acordo com Bourdieu (1999), o corpo feminino ao longo da história tomou uma conotação simbólica dos valores da dominação masculina e isto inferiu a todos os segmentos da sociedade. No Brasil, por exemplo, é alto o índice de reparações estéticas.

O eixo dessa perspectiva é o capital, o corpo como forma de consumir e ser consumido. Há particularidades no que tange a esse debate, onde o corpo é um elemento de sensibilização de compreensão da história de vida e, por conseguinte possibilita a ousadia de libertar-se das algemas dos poderes invisíveis que norteiam também a imaginária cultural. Para superar tal fato, já há teóricos que discutem sobre gênero no MST, entretanto, é pertinente um debate contínuo sobre corpo e as inferências das trocas simbólicas para que seja possível uma outra relação deste (o corpo) com a constituição do sujeito, sua vida, sua luta e no específico do MST, a luta contínua pela Reforma Agrária. O MST caminha, também, outra direção em relação à Reforma Agrária que consiste em focalizar a formação humana por meio da militância orgânica numa relação de humanização entre seus militantes seja referente as leis vigentes do Estado ou pela compreensão do direito que a terra é de todos e isso inicia com uma relação consigo mesmo e com seu corpo.

3. Diálogos a partir das vivências das Mulheres no MST sobre corpo, cultura e educação: Falas significativas das mulheres.

Para Conceição – integrante da pesquisa - 2010 : “o corpo é uma forma de ensinar ao filho, a maneira de manejar a terra, pois quando ela está no lote, procura sempre mostrar





qual a melhor forma para atorar a lenha com o machado, o manejo com as galinhas e tudo que tem a ver com a sua vida diária”. No mesmo sentido, porém com outra fala Marli – integrante da pesquisa- 2010 ressalta que “o nosso corpo mostra para nossos filhos o cuidado que devemos ter com a higiene, com a saúde que é a partir do corpo que também orientamos os cuidados necessários para a sobrevivência”.

Nane por sua vez ressalta que: “o corpo é complexo, pois às vezes a gente fala uma coisa e faz outra, e isto é muito confuso.” Diz Marlene e sugere que possam construir uma bandeira simbólica para a Jornada de Lutas do Abril Vermelho, em que todas possam exercitar outras formas de viver o contato com o corpo além do trabalho no lote. O ato de educação pressupõe neste caso, é um diálogo com as mais variadas posições referente à educação, pois foi preciso argumentação e persuasão para envolver o Grupo. Daí compreender que a cultura permeia a constituição de uma sociedade e não há como falar de corpo sem citar a questão cultural.

Para o Coletivo de Autores (1992), a cultura está ligada diretamente ao aprendizado corporal, tendo a expressão corporal como linguagem que deve ser assimilada para a compreensão da realidade (DAOLIO, 1995). Desta forma podemos observar a cultura não mais com um produto da sociedade em que se encontra, mas como fator determinante desta sociedade, influenciando suas práticas, construindo, modificando e, ao mesmo tempo, sendo construída e modificada.

Essa necessidade de fazer uma contextualização de como e porque está sendo possibilitado um diálogo se dá devido o conhecimento concebido referente ao conceito de corpo, o qual é norteado por motivações internas e externas. o qual, juntamente com “o modo como ele se manifesta no dia a dia de nossa expressão sociocultural, precisa tornar-se consciente para entrarmos no processo de autodeterminação” (BARON, 2004, p.42).

É com base em Baron (2004) que defendemos a idéia de nosso *corpo-pensante* e, de que a nossa história de vida está marcada em nossa pele. E dela propiciar experimentações que emirjam a constituição de novos conhecimentos.

Ao tomarmos consciência de nosso *corpo-pensante*, a atuação sobre o corpo se revela em pressupostos que foram constituídos por nós em nossas experiências ou pela luta





que defendemos, uma educação em que a escrita não é o eixo norteador do registo do conhecimento. A sensibilização disso vem no sentido de expor potencialidades aquilo que só nós, seres humanos temos intrinsecamente em compartilha com o outro. É isso que se propõe Nane, expressar o seu eu, o seu *corpo-pensante* traduz a mulher campesina.

Daí na coletividade ocorre às possíveis superações através da experimentação da vivência do corpo numa outra dimensão, o da criação, do elaborar registros sobre si mesmo em compartilhamento com o outro. Não podemos desvincular o corpo da cultura, havendo desta forma a necessidade de citar aspectos culturais ao falar da construção do corpo. Para Daolio (1995): “O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte”. Com este destaque dialogamos com a possibilidade de darmos um passo inicial sobre o corpo e suas apreensões no MST do Acampamento Luis Carlos Prestes em Irituia-Pa.

Há um descortinamento inicial sobre apreensão, um debate acerca de corpo e educação, uma sugestão para criação de um símbolo, o levantamento de limites e barreiras para a criação, pois para a mulher campesina, em primeiro instante vem a luta pela terra – um dado importante a ressaltar que mesmo no MST, em que promulga uma educação direcionada para autonomia e liberdade, o corpo ainda não é elemento de registro, a escrita foi dominante para o momento inicial da apreensão do corpo como ato educacional . Tudo isso solicita experimentações que nem sempre a escrita dá conta de registrar, porém tal condição decorre da colonização da imaginária cultural que por séculos nos foi determinado que o nível de civilidade se dava a partir da escrita mas quando se é oportunizado outras experimentações de registro de corpo, como por exemplo, o manejo com tecidos e desenhos, há colaboração de todas sem distinção. Pois, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2003, p.20).

A partir da observação podemos afirmar o corpo como identificador cultural, forma de expressão cultural, que não somente carrega a cultura da mulher campesina, mas ajuda na sua construção e transformação. A cultura transmite e modifica através de seu corpo, não apenas sob um único prisma, mas dentro de diferentes olhares sociais, visto que o corpo é construído de forma diferente por cada sociedade, de acordo com a forma com que foi sendo





utilizado ao longo da história. Este caso o corpo como ato é ancorado em uma teia subjetiva de significados permeados pela política, ética, afeto, pertencimento, entre outros constituídos junto ao Grupo de Mulheres do MST no Assentamento Luiz Carlos Prestes.

Considerações preliminares:

Anunciamos que a Educação Física tem papel fundamental modificador, visto que trabalha diretamente com a questão corporal, como nos diz Azevedo e Gonçalves (2007):

Chegamos à Educação Física, que acredita-se ter o corpo como seu objeto de estudo e que deve constituir-se em um fator pedagógico que vise à libertação integral do homem e à recuperação de sua dignidade corporal, buscando a autonomia de movimentos corporais.

Acreditamos na possibilidade do papel libertador da Educação Física como espaço de reconstrução deste corpo exaltado que não é o mesmo com o qual vivemos, mas um retificado, redefinido para atender padrões sociais estabelecidos como ideais. Nesse ponto, resgatar a cultura do corpo torna-se um desafio dentro da Educação Física.

Anunciamos a possibilidade de nós professores e granduandos de educação física desenvolver através de nossas práticas pedagógicas, a sensibilização em nós e junto aos nossos pares. O hábito crítico-reflexivo diante da realidade de corpo vivida na busca da emancipação e a mudança de corpo objeto para corpo sujeito. Assim, a tão sonhada autonomia em relação ao corpo (e não só ao feminino) estaria mais próxima de ser alcançada, de forma a promover sua re-significação e combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos.

BIBLIOGRAFIA:

BARON, D. **Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade.** São Paulo: Alfarrábio, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia.** 2ª edição, Belo Horizonte:





Autêntica, 2005.

BOGDAN, R. e BIRKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **O Poder Simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

_____. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, C. R. **Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre a educação.** São Paulo: Loyola, 1984a.

_____. **Educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **A educação como cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DANTAS, Eduardo Ribeiro. **O corpo modificado, os discursos da mídia e a educação multirreferencial.** Dissertação de mestrado em Educação. Natal/UFRN, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Senac, 2000.

FREYRE, G. **Modos de homem, modas de mulher.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **Casa-grande & senzala.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Trad. Kátia de Mello e Silva. 3ª ed. São Paulo-SP: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 1999.

GOLDENBERG, M e RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M (Org.). **Nu & Vestido.** Rio de Janeiro: Record, 2002.





LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, Paulo Salles de Oliveira. **Metodologia das Ciências Humanas.** São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo.** SP, Editora UNESP, 1998.

